



Representações e símbolos de Oriente a Ocidente: o renascimento da *Fênix*
Representaciones y símbolos de Oriente a Occidente: el renacimiento de la *Fênix*

Representations and symbols from East to West: rebirth of *Phoenix*

Maria Leonor García da CRUZ¹

Resumo: Atravessando vastos tempos e espaços, a simbologia da Fênix revela-se em contos lendários da China, da Índia ou da Pérsia, variando em pormenores, construindo-se um mito que o Ocidente herdou do Egipto e que ajuda a consolidar na época clássica, medieval e moderna, com projecções ainda na contemporaneidade. Será que a Fênix europeia nada tem de comum com a Fênix chinesa ou seja a Feng-Huang, para lá da criação mítica relacionada com heranças da humanidade e um inconsciente colectivo, depósito de imagens e de símbolos (Jung)? Numa comparação de pormenores acentua-se de comum a carga espiritual, da rara beleza à virtude divina, da santificação e pureza ao amor eterno, à prosperidade e boa governação, da singularidade e excelência ao renascimento e à eternidade.

Palavras-chave: Fênix – Mito – Simbologia – Renascimento – Eternidade.

Abstract: Passing over vast times and spaces, the symbology of the Phoenix is found in legends from China, India and Persia, varying in details, constructing a myth that the West inherited from Egypt and which it helps to consolidate in classical, mediaeval and modern times with projections even in our modern times. Is the only thing the European Phoenix has in common with the Chinese Phoenix, i.e. Feng-Huang the mythical creation related to inheritances of mankind and a collective unconscious, deposit of images and symbols (Jung)? A comparison of details jointly emphasises its spiritual energy, from rare beauty to divine virtue, from sanctification and purity to eternal love, to prosperity and good governance, from singularity and excellence to rebirth and eternity.

Keywords: Phoenix – Myth – Symbolology – Rebirth – Eternity.

¹ Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do Centro de História da Universidade de Lisboa. Doutorada em História Moderna (1999), é investigadora responsável de projectos de investigação em Programas de Estudos Avançados no CHUL, “Imagética” / estudos interdisciplinares sobre representações e construções identitárias (desde 2005) e “Fazenda” / História do pensamento e da gestão económica, fiscalidade, redes sociais, política e ética (desde 2009). E-mail: cruzmaria@campus.ul.pt.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28* (2019/1)

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Apresentação

Ave imaginária de beleza rara, fascinante, suscita a Fénix, histórias e comentários que a tornaram mítica, numa simbologia que atravessa vastos tempos e espaços, do Oriente ao Ocidente. Os contos lendários com ela relacionados são diversificados, na China, na Índia ou na Pérsia, no Egipto, variando pormenores na construção de um mito que o Ocidente europeu herdou e ajuda a consolidar na época clássica, medieval e moderna, com projecções ainda na contemporaneidade.

Na herança do mito, recuperam-se pormenores e salientam-se significados que originam na referência a esta ave mítica discursos perspectivados, que valorizam relacionando com a ave Fénix ora um ambiente de paz e de prosperidade, a longevidade e os ciclos de vida, a imortalidade e/ ou eternidade do ser, do espírito ou da alma, ora na sua representação literária ou política descodificam o que é singular ou excelente. Conforme contos reportando-se a tempos lendários e a histórias que se repetem de há muito, uns na China outros no Japão ou no Sueste asiático, na Índia ou na Pérsia, terá existido a Fénix. A descrição de aves que com ela se assemelham não é rara, valorizando-se características que lhe são próprias, seja uma natureza espiritual e auspiciosa da paz, a ligação ao nascer do Sol, a resistência física e a força, a longevidade.

Será que a fénix europeia nada tem de comum com a fénix chinesa ou seja a Feng-Huang, como afirma Wolfram Eberhard no seu *Dicionário de Símbolos Chineses* logo no início do seu texto sobre a Fénix? ² Claramente no aprofundamento de cada mito é possível encontrar inspiração em fenómenos ou, neste caso concreto, em animais reais de tempos longínquos, alguns dos quais com definições de há muito perdidas. Mas a criação mítica terá sobretudo a ver com heranças da humanidade e com um inconsciente colectivo, depósito de imagens e símbolos no entender de Carl Jung³,

² EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois. Symboles secrets dans l'art, la littérature, la vie e la pensée des Chinois*. Paris: Editions Seghers, 1984, p. 269-271.

³ JUNG, Carl Gustav (1875-1961), sobre Arquétipos e Inconsciente Colectivo em *Estudos sobre Psicologia Analítica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. Define arquétipos ou conjuntos de imagens primordiais originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações que se armazenam no inconsciente colectivo. Há figuras, semelhantes, que todos temos no imaginário independentemente da origem geográfica ou da crença. Há significados similares com coincidências no tempo, sem que haja sequencialidade. Notam-se e vivenciam-se experiências semelhantes, encontram-se factores explicativos que pertencem à humanidade e não ao individual, quando se comparam histórias e fenómenos. Assim acontece com as criações de sentido em torno desta ave mítica.

assim como com experiências e itinerários individuais e colectivos, mesmo que em constante reelaboração.

As referências a esta ave remontam a textos chineses anteriores ao final do II milénio a.C. (e cerâmica do período Shang, depois bronzes e jade) mas os Gregos pelo menos desde o século VIII a.C. terão como referência a mitologia egípcia e desta possuem-se testemunhos tumulares e do *Livro dos Mortos* referindo a ave Benu que os ocidentais apelidaram de Fénix, testemunhos esses datados do III milénio a.C.

I. A ave da alvorada

Segundo *Shanhaijing*, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*, junto ao Mar do Sul no Sudeste da China, numa região pujante, vivia a mais rara e maravilhosa ave, entre um sem fim de outros pássaros, a Fénix, tradicionalmente tida como símbolo de santificação e de pureza. Embora excepcionalmente vislumbrada em outros lugares, ali, todavia, era abundante.⁴

Imagem 1⁵



Rainha das aves, teria sido outrora, segundo alguns, uma divindade relacionada com o Vento ou mesmo a sua forma original . Esta conexão da Fénix / Feng com o Vento resulta fundamentalmente de uma relação gráfica, semântica e fonética, mas há um

⁴ “O País dos Homens Aves, do *Shanhaijing (Clássico das Montanhas e dos Mares)*”, compilação que descreve os mitos, a magia e a religião da China Antiga. [Internet](#).

⁵ ANEAU, Barthélemy. “Eternité d’un Seul Dieu”. In: *Imagination poétique*. Lyons: Macé Bonhomme, 1552. [Internet](#).



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

conto de interesse a propósito⁶. Trata-se da transformação do peixe kun, do Norte, no enorme pássaro peng que quando o mar se agitava, voando ele impetuosamente e batendo as suas asas sobre o mar provocando um turbilhão de vento, migrava para Sul (lago celeste), só descansando ao fim de seis meses (Zhuangzi, c.1, p. 2). O peixe peng precisava do vento que agitava o mar para ascender.

A metamorfose animal de água-ar ou vice-versa pertence ao pensamento religioso antigo chinês e muito se remonta ao período das origens do mundo. Nas estações de outono e primavera, haveria pássaros que se transformavam e inseriam no meio aquático. Estaríamos na passagem de uma estação yin (mortífera, sombria, húmida) para uma estação yang (geradora, seca, ensoleirada), ou vice-versa. Note-se que os comentadores assimilam o pássaro peng a um pássaro feng, a Fénix. Esta terá sido na alta antiguidade a própria imagem da criação divina, antes de se tornar o símbolo da Virtude soberana.

Por outro lado, a Fénix surge não raras vezes associada ao Galo celestial cujo trinado seria uma melodia de 5 notas e cujo canto fazia nascer o Sol ou o anunciava. Relacionado com o mito da existência de um galo celeste que no cimo de uma enorme árvore situada num monte Taodu canta com os primeiros raios de sol, provocando o canto de todos os outros galos terrestres, fala-se do galo ou do pássaro de ouro, da fénix de ouro.

Mas um dos contos mais esclarecedores sobre a verdadeira dimensão do galo do céu, essa “ave das plumagens douradas [que] tinha uma voz potente e um porte majestoso” e segundo Ling Chên-tzū depositava ovos que originavam uma ninhada com crista vermelha, relaciona-o com a saga de Shên I que por ter lutado bravamente os nove falsos sóis, merecera receber por prémio o Palácio do Sol e com a necessidade de unir por casamento o yin e o yang. Mesmo precavendo-se comendo um bolo que o deveria proteger do calor e de colocar um talismã lunar para poder visitar o Palácio da Lua, foi alertado por Tung Wang Kung de uma periodicidade do sol que desconhecia.

⁶ *Anthologie des mythes et legendes de la Chine ancienne*. Gallimard, 1989, p. 32-34. A Feng Huang, enquanto Feng, relaciona-se também com Feng Bó, Conde Vento que refina o sopro vital do vento e com Feng Po, ancião deus do Vento, com a sua barba branca, capa amarela e gorro azul e vermelho, emanando da boca um vento que direcciona segundo a sua vontade. Ver ALVES, Ana Cristina. “A Fénix do Renascimento e da Paz”. Segunda aula do Curso sobre “Simbolismo Animal: construções hermenêuticas em torno de animais reais e imaginários”. FLUL, 13 Out. 2017, p. 16; WERNER, E. T. C. *Myths and Legends of China*. New York: Dover publications, Inc, 1994, p. 204-205.



Seria absolutamente necessário que levasse consigo o pássaro das plumagens douradas que cantaria indicando-lhe a altura do nascer do Sol, do seu culminar e do seu crepúsculo. Tal ave era o Ia! Ia!, princípio e ancestral da espiritualidade de yang ou masculino que alimentado do princípio activo do sol, assumira a imagem de uma ave com três pés que poisava na enorme árvore fu-sang (nascida no local onde nasce o sol) em pleno Mar do Oriente. Mantendo-se junto da origem do amanhecer e vendo o sol nascer, o pássaro emite um grito que abala os céus e acorda toda a humanidade. Shên I passaria a conhecer todos os momentos do dia se o levasse para o Palácio do Sol. E, de facto, a ave transporta-o através do ar até ao disco solar e ao centro de um imenso horizonte onde ele sentiria uma imensa felicidade.⁷

Outro mito referirá no monte Fusang um galo de jade que canta mal o sol aparece e que é seguido do canto do galo de ouro e do galo de pedra e dos galos de toda a terra.⁸ Uma vez mais se acentua a origem espiritual da Fénix, conectada desta feita directamente com o Sol e com o conhecimento das fases do astro.

Curiosamente nas narrativas ocidentais a Fénix teria a sua origem na Etiópia.⁹ Há descrições em fontes gregas que a colocam a viver na Arábia junto a um poço onde se banhava cada alvorada motivando que o deus Apolo parasse o seu carro / o Sol para a admirar no seu cântico.¹⁰ Descreverei mais adiante, relacionando-o com o renascimento ou regeneração, como a ligação da Fénix ao Sol ocorre de diferentes outras formas, para lá da ave ser anúncio do seu nascimento ou ter nele origem.

De salientar ainda que a Fénix identificada a uma divindade, possuiria no pensamento chinês dupla constituição de masculino e feminino, o yin e o yang. Simbolizaria, em última instância, o amor eterno, a alta virtude. No seu próprio nome, aliás, representaria a união dos sexos, simbolizando Feng o masculino e Huang o feminino. Salientarei, oportunamente, como na China a Fénix representa a Imperatriz, valorizando-se com isso o seu elemento feminino, quando contraposta e em complementaridade com o Dragão, símbolo masculino e do imperador.

⁷ WERNER, E. T. C. *Myths and Legends of China*, p. 185-187.

⁸ Shenyi jing (p.2b). Texto atribuído a Dongfang Shuo dos Han, com condensação de principais lendas do início da nossa era. *Anthologie des mythes...*, 53.

⁹ SOUTH, Malcolm, *Mythical and Fabulous Beasts: A Source Book and Research Guide*, Greenwood Press, 1987.

¹⁰ RAVENHEART, Oberon Zell. *Creature of the Month - The Fiery Phoenix*. [Internet](#).

Semelhante à Fénix, refere-se no Japão a ave Ho-Oo, numa complementaridade do masculino e do feminino. Na mitologia persa e hindu, por seu turno, o Huma que habita nos céus junta as naturezas masculina e feminina em um único corpo, cada um com uma asa e uma perna.

Embora variem as versões do seu nascimento e da sua morte, segundo referências na era cristã, estaria a Fénix entre os animais que se reproduzem assexuadamente.¹¹ Mas, note-se, é no Ocidente considerada única (Imagem 10). A Fénix motiva, aliás, textos que a perpetuam como símbolo da divindade: Nascida de si mesma e regenerada, que “morre nascendo”, incendiando-se com os raios do Sol e gerando-se do fogo da sua luz, “é entendida como Deus sempre vivo” que em si mesmo tem o começo e incessantemente se resolve na sua primitiva essência. É o caso da legenda que acompanha o emblema “Eternité d’un Seul Dieu” de Barthélemy Aneau incluso em *Imagination poétique* de 1552 (Imagem 1).

Já Lactâncio, autor cristão dos primeiros séculos da nossa era, num poema sobre *A Fénix*¹², coloca-a num paraíso terreal em cujos bosques vive este pássaro único e recriado sempre pela sua morte, que os guarda e que marca as horas do dia e da noite por sons que nunca enganam. Depois de muitos anos de existência e ansioso por renascer, deixa tais lugares santos e ganha o nosso mundo onde domina a morte. Voa para a Síria que segundo o autor recebe da ave o nome de Fenícia e numa árvore que recebe o seu nome de fénix constrói o ninho que é também o seu sepulcro, enriquecendo-o com essências e folhagem balsâmica. Depois nele repousa o seu corpo que vai transformar-se.

Após um certo ritual e aos primeiros raios da aurora começa um cântico religioso, saúda por três vezes o Sol com as suas asas, esparje-se e entrega-se, na emoção de uma “morte vital”. Inflama-se. As suas cinzas são fecundadas pela natureza e, segundo se supõe, delas emerge uma larva da cor do leite que se forma em ovo e quebrando-o emerge o pássaro. Alimentado pelo orvalho, acabará por partir mas não sem primeiro cuidar das relíquias do seu antecessor que envolve ritualmente numa bola unguida que transporta ao altar do santuário de Heliópolis. Aqui se admira o seu esplendor e prestígio, todos lhe prestando tributos.

¹¹ LAERTIUS, Diogenes, o céptico Aenesidemus em *Pyrrhoneia*, séc. I.

¹² Lucius Caecilius Firmianus, dito LACTÂNCIO (c. 250-325). Texto latino seguido da versão francesa. [Internet](#).

Escarlate, com lampejos dourados, longa cauda e asas coloridas com as cores do arco iris, bico de marfim e diamante, olhos grandes e brilhantes, atrai todo o Egipto que, no mármore sagrado esculpe a sua imagem e grava o dia da sua vinda. Parte, enfim, com uma cohorte de pássaros até às planícies etéreas. Trata-se, pois, de uma ave que nasce de si mesma, seja macho ou fêmea ou nem uma coisa nem outra, o seu único amor é a morte a que aspira para poder nascer, sendo seu filho, herdeiro e pai. Segundo as últimas palavras do poeta a Fénix, “Il est lui et non lui, le même et non le même”, conquistador pela morte de uma vida eterna.

II. A ave das plumagens douradas

A fénix vem associada sempre a uma ave de grande porte e de rara beleza.¹³ Da sua longa cauda de plumas multicolores e do seu trinado mais agradável que todos os instrumentos musicais nos fala *Shanhaijing*, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*.¹⁴

Recorde-se a esse propósito representações que a procuram retratar, algumas já do período moderno da nossa era, como a gravura do século XVI de Pieter van der Borcht (Imagem 2) onde é desenhada de corpo inteiro, o que não era usual na época, ou a estatueta de bronze hoje em dia situada no Palácio de Verão em Pequim (Imagem 3).

Encontram-se várias descrições que a comparam por vezes a outros animais nas suas diferentes partes do corpo. Teria cabeça de faisão dourado ou de galo, fronte de andorinha (ou bico de papagaio), peito e pescoço sinuoso de um cisne (para alguns narradores corpo de pato mandarim ou pescoço de cobra), carapaça de tartaruga, cauda de peixe ou cauda de pavão, de 12 penas, patas de grou (Imagem 4)¹⁵, assemelhando-se nalgumas descrições a aves do centro do Vietnam e da Península Malaia.

¹³ EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois*, p. 271. Salienta como os “olhos de fénix” designam olhos particularmente encantadores de mulher.

¹⁴ “O País dos Homens Aves, do *Shanhaijing* (*Clássico das Montanhas e dos Mares*).

¹⁵ ALVES, Ana Cristina. “A Fénix do Renascimento e da Paz”, p. 2-3. Cita entre outras fontes, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*.

Imagem 2¹⁶



Imagem 3¹⁷



¹⁶ Gravura do século XVI de VAN DER BORCHT, Pieter, em *Sancti Patris nostri Epiphanii, episcopi Constantiae Cypri, Ad Physiologum*, impressa em 1588 em Antuérpia por Christopher Plantin.

¹⁷ Fénix em estatueta de bronze (Palácio de Verão, Pequim). Existe exemplar semelhante na Cidade Proibida.



A sua plumagem parece, na verdade, reunir todas as cores existentes ou, singularmente, cada tom das cinco cores básicas, com as quais se relacionando as forças da natureza, os elementos do universo e as virtudes confucionistas¹⁸, amarelo, verde, vermelho, lilás ou preto e branco.

De todas, porém, o vermelho teria um significado a salientar pois relacionaria a Fénix com o fogo /amor, casamento, os ritos, o verão, o Sul e o Sol. Além disso relaciona-se igualmente no simbolismo alquímico ocidental com a regeneração da vida universal e a conclusão bem sucedida de um processo.¹⁹ Também se conecta com a substância básica da alquimia taoista.²⁰

Em *Shanhaijing* (c.14, p.5b), as fénix identificam-se frequentemente com os pássaros multicolores ou de cinco cores que são amigos do imperador Jun, num sentido ao que parece espiritual.

Nas narrativas gregas, por outro lado, a plumagem seria em parte vermelha, em parte dourada, segundo Heródoto, ou de cor roxa no corpo, pescoço dourado e brilhante, crista de penas e cauda azul com penas rosadas, conforme Plínio, *o Antigo*.

A rara beleza da fénix, multicolor, encontra-se em representações no Ocidente. Cite-se, a propósito, os bestiários medievais (Imagem 5ab), ou, já da Época moderna, a imagem de um Livro português iluminado do século XVI existente na ANTT (Imagem 6a) e que inspirou o logotipo do Projecto Imagética do Centro de História da Universidade de Lisboa, criado em 2005.²¹

¹⁸ Em síntese: Madeira – verde – primavera – benevolência (rén) / caridade e humanidade; Fogo – vermelho – verão – ritos (lǐ) / decoro, cerimónia; Terra – amarelo – quatro estações – confiança (xìn) / fidelidade e integridade; Metal – branco – outono – justiça (yì) / honestidade, lealdade, altruísmo; Água – preto – inverno – sabedoria (zhì) / conhecimento. Ver sobretudo ALVES, Ana Cristina. “A Fénix do Renascimento e da Paz, pp. 4-5.

¹⁹ RAVENHEART, Oberon Zell. *Creature of the Month - The Fiery Phoenix*.

²⁰ EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois*, p. 271.

²¹ Imagética-FLUL-Research-Portugal: <https://sites.google.com/site/imagetica0flul/>

Imagem 4²²



²² Fenix pintada. [Internet](#).

Imagens 5 e 6²³



Também cada uma das zonas do seu corpo representaria, no imaginário chinês, uma das cinco qualidades humanas e daí as sua plumagem comportar o conjunto das cinco cores:

- o ventre representaria a fé ou confiança,
- o peito, a clemência ou benevolência,
- o dorso, o decoro, o respeito pelos ritos,
- as duas asas, o dever,
- a cabeça, a virtude.²⁴

A dimensão da Fénix aproximava-se da da águia, segundo Heródoto na sua *História* (484–425 aC) ou Plínio, *o Antigo* (23aC-79) na sua *História Natural*. Mas em contos chineses atinge por vezes proporções gigantescas. Nessa perspectiva e pela força que lhe reconhecem, outras aves fabulosas se assemelham à Fénix:

- o Roc de Madagascar,
- o pássaro arábico Angka que conseguia transportar um elefante,
- também o Simurgh ou Simorgh, significando 30 pássaros, rei das aves e representando a unidade divina na lenda arábica, com longevidade de 1700 a 2000 anos, talvez imortalizando-se ao nidificar na Árvore do Conhecimento, poderia

²³ Imagem 5a: Fitzwilliam Museum, MS 254, Folio 27r; 5b: Museum Meermanno, MMW, 10 B 25, folio 31r. [Internet](#).

²⁴ EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois*, p. 270. Informação a partir de *Shanhaijing, Clássico das Montanhas e dos Mares*.



carregar um elefante ou um camelo.²⁵ Trata-se de uma ave mítica presente também na lenda e no folclore persa, assim como na poesia sufi.

Quanto ao porte e resistência física desta ave mítica, encontram-se diferentes referências. Uma delas em Zhuangzi (369-286 a.C.), autor d' *O Verdadeiro Livro das terras Floridas do Sul*, num conto intitulado “A Fénix e o Mocho”.²⁶ Nele, a Fénix tem resistência suficiente para voar dos mares do sul para os do norte, sem se deter “senão na árvore das sombras”, nada comendo vivo mas apenas frutos de bambu e sorvendo o orvalho da madrugada. Daí a sua pureza também mencionada em *Shanhaijing*, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*.

Chega-nos também o mito de, dado ser uma ave consagrada ao Sol, viver absorvendo a luz.²⁷ A esse propósito, também o Benu (Imagem 7), ave do tipo garça real, de longas pernas, longo bico direito e crista com duplo penacho, teria na crença egípcia, a capacidade para se abastecer a si própria.²⁸

O Huma, pássaro do Paraíso que habita nos céus, da mitologia persa e hindu, é também considerado um pássaro compassivo que evita matar por comida.²⁹

III. A ave do renascimento e da eternidade

A Fénix seria uma ave imortal, vivendo com as suas congéneres? Parece assim ser nas lendas chinesas. A Feng Huang é imortal, não envelhecendo nem morrendo para renascer. Além disso, poderiam coexistir diversas aves. Embora semelhante à Fénix a ave japonesa Ho-Oo que encarnaria o Sol, vindo à Terra como um mensageiro divino para praticar boas acções nos humanos e anunciando com a sua aparição o início de uma nova era, regressaria por ciclos.

²⁵ Numa miniatura indiana do s. XIX, Simurgh carrega elefantes. Deccan, c. s. XIX tardio. Gouache on wasli. 28.6 x 19cm. [Internet](#).

²⁶ *Zhuangzi*. Traduzido para o inglês por Wang Rongpei, Human People's Publishing House / Foreign Languages Press, pp. 282-283. Também mencionado em REIS, João C. *Introdução à História da Literatura da China. Dos primórdios ao Ano 207 A.C.* Macau: Edições Mar – Oceano, 1990, p.227; *Anthologie des mythes...*, p. 172-174.

²⁷ DAVY, Marie-Madeleine. *L'Oiseau et sa symbolique*. Paris: Albin Michel, 2013.

²⁸ Representação do Benu adorado por Anherkhâou (IT 359, XX dinastia, contemporâneo de Ramsés III e IV). Cliché ©NG. In MARC, Philonenko, “La notice de Pline l’Ancien sur les Esséniens et les manuscrits de Qoumrân”, in *Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 153e année, N. 1, 2009. pp. 443-468; doi : 10.3406/crai.2009.92489. [Internet](#).

²⁹ RAVENHEART, Oberon Zell, *Creature of the Month - The Fiery Phoenix*. [Internet](#).

A ligação da Fénix ao Sol ocorre de diferentes formas:

- anuncia o nascimento do Sol ou terá mesmo origem no Sol e dele se alimenta. Em ambiente bíblico, no Livro dos segredos de Henoch, a Fénix, de doze asas, é um dos dois espíritos voadores que guia o carro do Sol, avistado ao atravessar o quarto céu;³⁰
- os raios do Sol ao projectarem-se no ninho construído vão inflamá-lo (Imagem 6b);
- deposita os despojos queimados da anterior ave no templo de Ra em Heliópolis, a Cidade do Sol.

Imagens 6 e 7³¹



O mito ocidental salienta na Fénix ciclos de vida no fim dos quais se imolara para originar nova ave. Não é concensual entre os autores que a isso se referem o intervalo de anos. Seja como for, haveria um renascer das cinzas de uma ave que continuaria uma vivência solitária.

A cada 500 anos, no final de cada ciclo de vida, a Fénix coloca no início do dia numa palmeira elevadíssima, num ninho de canela e incenso, um único ovo sobre o qual pousava emitindo um cântico de grande beleza. À medida que o sol se eleva e os seus raios aquecem o ninho, a Fénix agitaria as suas asas, com isso incendiando-se. Um tempo depois (nove dias segundo uns) haveria um renascimento das cinzas,

³⁰ DAVY, Marie-Madeleine. *L'Oiseau et sa symbolique*.

³¹ Imagem 6a: Livro iluminado do séc. XVI, ANTT, Portugal; 6b: Bodleian Library, MS. Ashmole 1511, folio 68r. [Internet](#).



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28* (2019/1)

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

reencarnando assim a ave milagrosamente a partir de uma pequena lagarta que se transformaria em pássaro.

Uma vez na sua plenitude, a ave reuniria as cinzas da encarnação anterior numa bola de mirra envolta em folhas aromáticas e partiria para o Egípto, seguida a certa distância por um contingente de outros pássaros, depositando-a no altar de Ra em Heliópolis, a Cidade do Sol.

Também marcadas por ciclos de existência e pela consumação pelo fogo existem outras congêneres da Fénix³², como:

- o Kerkes, da tradição turca, que vive períodos de 1.000 anos até o dia do julgamento chegar e cada ressurreição corresponde a novo desenvolvimento da árvore mística Ababel - a “Árvore do Pai” no Alcorão;
- o Milcham que, de acordo com o Talmud judeu, ganhou o dom da imortalidade por ser o único animal que não comeu da Árvore do Conhecimento no Jardim do Éden e que, vivendo durante um milénio numa cidade murada será consumido pelo fogo deixando um ovo para começar um novo ciclo;
- o Huma, pássaro do Paraíso que habita nos céus, da mitologia persa e hindu, também ele se consome pelo fogo após algumas centúrias para renascer das cinzas. Quem o vê ou toca ou é abrangido pela sua sombra, receberá bênçãos e boa fortuna;
- também o Sevienda se consome pelo fogo e regenera das cinzas como um pequeno verme e, dada a sua antiguidade, teria visto por três vezes a destruição do Universo. A sua lenda terá chegado a Ocidente pelos séculos XIV-XV por um mercador veneziano, Nicolo de Conti (ca.1395-1469), que viajou por mais de duas décadas pela Índia, a Ásia e a África;
- ainda o Angka, pássaro da Arábia, teria capacidade de viver 1700 anos, imolar-se e renascer, até finalmente ser extinto por castigo divino;
- de referir, finalmente, o Benu (Imagem 7), de nascimento radioso e dominando ciclos temporais. Notado nos primeiros tempos, segundo se crê no Egípto, este magnífico pássaro seria rei do mundo aquático planando sobre as águas e poisando em terras altas, parecendo em cada alvorada emergir como o Sol das águas, em luminosa glória. O Benu constitui um dos símbolos sagrados de adoração em Heliópolis, a cidade do Sol, estando a ele associado e ao deus Ra. A sua chegada cíclica era interpretada como sinal de alegria e de esperança, reinando nos ciclos temporais e nas festas da vida regenerada.

³² RAVENHEART, Oberon Zell. *Creature of the Month - The Fiery Phoenix*.

No submundo, conforme o *Livro dos Mortos* e outros textos egípcios, o Benu, proveniente da Ilha do Fogo, traria a essência da vida (hike), erguendo-se da sua árvore ardente com uma canção que encantava os próprios deuses. Ficou, assim, associado ao sol nascente e também a Osíris pela ressurreição da morte. No túmulo de Anherkhâou refere-se uma fórmula para que o defunto se transforme em Benu para que possa ir e vir de Osíris (*Livro dos Mortos*, cap. 83)³³

Imagem 8³⁴



Foi precisamente o Benu que terá originado entre os gregos o desenvolvimento da crença na Fénix, criando-se a ave que se consome em chamas e renasce. O próprio nome Fénix /Phoenix, originário no Benu, virá do grego Phoeniceus, significando o carmim ou a cor roxa avermelhada. A lenda da Fénix terá sido divulgada pelos antigos mercadores fenícios. É referida pelo poeta grego Hesíodo no séc. VIII a.C. como tratando-se de uma ave muito conhecida e de extrema longevidade.

Descreve-a o historiador Hecataeus de Miletus (s. VI-V a.C.), nos fragmentos da sua *Periegesis* (“Uma viagem em torno do Mundo”). Mas maiores pormenores terão ficado registados pelo historiador grego Heródoto (484–425 a. C.) no Livro II das suas

³³ MARC, Philonenko, “La notice de Pline l’Ancien...”.

³⁴ Benu na barca nocturna do Sol em túmulo de Sennedjem (contemporâneo de Séthi I e Ramsés II (TT 1, XIX dinastia). Cliché ©NG. In MARC, Philonenko, “La notice de Pline l’Ancien...”.

Histórias. Terá tido como fonte de informação os sacerdotes egípcios de Heliópolis e fontes pictóricas.³⁵

Terá sido introduzida no simbolismo cristão no primeiro século da nossa era ao ser relatada a sua lenda por São Clemente na sua primeira epístola aos Coríntios.³⁶ Na arte cristã primitiva aparece sobre pedras funerárias dado o significado de renascimento dos mortos e triunfo da vida eterna. Mais tarde torna-se símbolo da morte e ressurreição de Cristo e surge conectada com a crucificação. Tradicionalmente a Fénix, tal como a águia, é uma das aves mais significativas e frequentes nas igrejas.³⁷ Abundam representações em bestiários (Imagens 5ab, 6b, 8).

Também na poesia inglesa desde o s. VIII ou IX que a ave mítica da Arábia se tornou lugar comum como alegoria de Cristo. Todavia, em épocas posteriores, não é utilizada com sentido religioso, embora podendo ser um emblema de revivificação. Considerando maiores ou menores ciclos de vida, a Fénix no Ocidente e no Próximo-Oriente acaba por imolar-se e morrer, para depois renascer. Quer isto dizer que não possuindo a imortalidade da Feng-Huang chinesa³⁸, todavia, a ave mítica, singular como se referiu, é restaurada, pelo que ganha a eternidade.

Tornar-se-á símbolo da ressurreição e da imortalidade da alma e de vida eterna, assim como da fé e da constância³⁹, e da eterna beleza, como veremos adiante.

³⁵ Em bestiários medievais será ilustrado o processo de imulação e renascimento das cinzas acompanhado pela observação participada de um sacerdote de Heliópolis em British Library, Royal MS 2 B. vii, folios 93v e 94r. [Internet](#).

³⁶ FERGUSON, George, *Signs & Symbols in Christian Art*, Oxford, Oxford University Press, 1959. Sobre tradições judaicas, islâmicas e judaico-cristãs relacionadas com a ave do sol, o galo cósmico e outras interpretações, ver VAN DEN BROEK, Roelof. *The myth of the Phoenix according to classical and early christian traditions*. Leiden: E. J. Brill, 1972, p. 261-304.

³⁷ DAVY, Marie-Madeleine. *L'Oiseau et sa symbolique*. Recorde-se, a propósito os entalhes em madeira da Fénix consumindo-se no fogo em Westminster Abbey, Londres, começos do séc. XVI.

³⁸ A Fénix em *Shen Ji*, importante obra de Gan Bao dos Jin s.IV recomposta a partir de citações nas enciclopédias dos Tang e dos Song, teria, por seu turno, poder para imortalizar outros seres. É o que se conclui de um conto sobre o mito da origem étnica do povo dos Mengshuang, onde se relata como irmãos incestuosos, banidos pelo imperador, terão morrido e um pássaro divino tê-los-á coberto da planta da imortalidade, provocando o seu regresso à vida sete anos depois. Tinham então duas cabeças num mesmo pescoço, quatro mãos e quatro pés. *Anthologie des mythes...*, 158-160.

³⁹ FERGUSON, George, *Signs & Symbols in Christian Art*.

IV. A ave da paz e da felicidade

Em *Shanhaijing*, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*⁴⁰ recorda-se que desde tempos imemoriais a sua aparição, não muito frequente, simbolizava a boa sorte, harmonia e paz. Ora segundo *Lumbeng*⁴¹ (c. 17, p. 266 e c. 19, p. 296), as Fénix não só existiriam somente em épocas de paz como nos períodos fastos de bons governantes. Num comentário dos *Annales des printemps et automnes* a fénix masculina é identificada no s. IV a.C. a um sinal de um bom governo e no século I a.C. Confúcio lamentar-se-ia de, por esse mesmo motivo, ela não se manifestar mais no seu tempo.

Imagens 9 e 10⁴²



Contos e comentários chineses insistem nessa associação da Fénix a períodos fastos de bons governantes e a festas em que eram participantes. Durante a época do Imperador Ku, terceiro imperador, Gaoxin, tataraneto de Huangdi, teria havido um reinado de paz na virtude e o imperador ordenara cantos e instrumentos de som, assim como que faisões celestes e fénix dançassem (*Lüshi chunqiu*, c. 5, p. 9 a-b).⁴³

Também na origem do mito ocidental, a sua chegada ao Egipto e ao altar de Ra em Heliopolis, a Cidade do Sol, anunciaria uma nova era, ocasionando grandes festividades.

⁴⁰ “O País dos Homens Aves”, do *Shanhaijing* (*Clássico das Montanhas e dos Mares*).

⁴¹ No testemunho de Wang Chong dos Han, grande pensador céptico que denuncia superstições. *Anthologie des mythes...*, 60.

⁴² Morgan Library, MS M.81, folio 62v. [Internet](#).

⁴³ Texto enciclopédico com apreciável valor filosófico e literário, do início do Império. *Anthologie des mythes...*, 81-82. Referem-se noutros textos as evoluções graciosas das fénix (153-155).



Note-se, todavia, que na China juntamente e em complementaridade com o Dragão, símbolo masculino e do imperador, a Fénix representa a Imperatriz, valorizando-se o seu elemento feminino. Terá aparecido ao imperador chinês Hung Ti cerca de 2600 a. C. Mas a Fénix identifica-se sobretudo com a mulher do Imperador amarelo, Leizu.

Ao representar a Imperatriz, simboliza uma aparência rara e auspiciosa anunciando boa fortuna, paz e prosperidade. Aliás, quando no vestido de uma noiva está representada uma fénix, isto significa que ela é imperatriz por um dia.

Também a ave Ho-Oo japonesa foi adoptada como um símbolo da família real, e particularmente da Imperatriz. Representa o sol, a justiça, a fidelidade e a obediência.

Igualmente no Ocidente a Fénix, pela sua excelência ou singularidade, como veremos adiante, irá intimamente conectar-se a insígnias de figuras reais como D. Leonor de Áustria, Rainha de Portugal e num segundo casamento Rainha de França, ou Isabel I Tudor de Inglaterra que patenteava a Fénix como símbolo heráldico (Imagens 10a, 9).

Na contemporaneidade muito se conservou de traços míticos no imaginário. Recorde-se a título de exemplo as frequentes referências à Fénix e às suas virtudes na série cinematográfica sobre Harry Potter e em particular no filme *Harry Potter e a Câmara dos segredos*. Aí notamos a cor púrpura da ave, a história do renascer das cinzas, a lealdade, a sua luta pelo triunfo da paz, bondade e altruísmo, os dons curativos e de fortaleza física.⁴⁴

V. A ave da singularidade

Embora nos contos chineses se verifique a existência, por vezes até em abundância, de Fénix, isso não lhe retira a singularidade da beleza invulgar e da sua pureza e santificação.⁴⁵ No Ocidente, como se constatou, haveria, contudo, uma única Fénix que se eternizava pelo renascer das cinzas e que virá posteriormente a constituir, no pensamento cristão, símbolo da morte e ressurreição do próprio Cristo.

Como já começámos a dizer acima, no Ocidente a excelência ou singularidade da Fénix identifica-a com a realeza⁴⁶ e inspirará insígnias de figuras reais. É o caso de D. Leonor de Áustria, Rainha de Portugal até enviudar de D. Manuel e Rainha de França

⁴⁴ Selecção de excertos do filme. [Internet](#).

⁴⁵ “O País dos Homens Aves, do *Shanhaijing* (Clássico das Montanhas e dos Mares)”.

⁴⁶ VAN DEN BROEK, Roelof. *The myth of the Phoenix...*, p. 51. Alerta para debates desde a época medieval (KANTOROWICZ) até ao séc. XVII.

pelo casamento com Francisco I (Imagem 10a).⁴⁷ É também o caso da rainha Isabel I (1533-1603) da dinastia Tudor, cujo símbolo heráldico é a Fénix. Observe-se a propósito a medalha isabelina do British Museum (1574) com o perfil da rainha e uma legenda no anverso e no verso com a representação de uma Fénix em chamas por baixo do monograma coroado (Imagem 9). Aliás, na última década da sua vida, a rainha Isabel I (1533-1603), terá sido recordada como “long-liv’d” fénix. Houve uma indubitável conexão, servindo a ave frequentemente para indicar a Rainha pela sua singularidade.

Recorde-se, a propósito, os poemas de Churchyard e antes ainda, *Henry Lyte em The Light of Britayne* (1588) referira-a “by the grace of God: the Phoenix of the worlde: the Angell of Englande” e Frances A. Yates alude à sempre a mesma, “to her Phoenix motto of semper eadem” (1578).⁴⁸

Imagem 11⁴⁹



Shakespeare refere-se ainda à ave em *Henry VIII*, mencionando-a no seu habitat na Arábia, num elogio à rainha Isabel e ao governante então reinante, Jaime I ao salientar a singularidade da Fénix e como ela garantia uma honrosa sucessão.⁵⁰

⁴⁷ PARADIN, Claude. “Unica semper avis”. In: *Devises heroïques*. Lyons: Jean de Tournes and Guillaume Gazeau, 1557. [Internet](#).

⁴⁸ MATCHETT, William H. *The Phoenix and the turtle. Shakespeare’s poem and Chester’s Loues Martyr*. Londres: The Hague, Paris, Mouton & Co, 1965.

⁴⁹ Medalhão oval em prata do British Museum n. 1927, 0404.3. [Internet](#).

⁵⁰ Em Shakespeare a Fénix surge como sucessor vingativo proveniente das cinzas do morto, mas um glorioso sucessor em *Henry VI*. Surge como emblema de raridade (*As You Like*) e esplendor

Como salienta Matchett na sua introdução ao estudo do poema de Shakespeare *The Phoenix and the Turtle* (texto original em Loues Martyr de Robert Chester, 1601), qualquer amante ou qualquer pessoa, homem ou mulher, considerada gloriosa e única, poderia ser identificada a fénix. Recorde-se a propósito que na China do Noroeste, na nossa contemporaneidade, a Fénix simboliza o amante.⁵¹

Esta designação revela-se um emblema para classificar o que é único, raro, belo e esplendoroso, não implicando necessariamente pormenores das lendas tradicionais. Estas, todavia, poderão oportunamente servir os objectivos de um poema ou texto.

Na Itália do séc. XIV, contudo, outras leituras surgirão e, nisso, Petrarca terá um papel decisivo. Recorde-se que em Heródoto e Plínio a ave mítica era masculina mas Petrarca reformula-a para símbolo da beleza feminina e da virtude. A fénix será um espécimen sem sexo em Edmund Goldsmid⁵², embora designada masculina. No poema de Shakespeare *The Phoenix and the turtle* tal como no de Chester é feminina e porque representa uma mulher e com qualidades de beleza e raridade.

Petrarca nas *Rime sparse* utiliza o mito da fénix de três maneiras⁵³:

- 1 – como símbolo do seu desejo por Laura, desejo esse que aspira, queima, morre e reacende-se (Rime 135),
- 2 – Laura como única mulher, fénix extinta a cujo ninho vazio o poeta regressa atormentado (185 e 210, 321),
- 3 – Laura como fénix que não renascerá. Uma terceira fénix surge (Rime 323) como símbolo do desespero traumático e a não aceitação de um mundo degradado pela ausência de Laura.

Entra na literatura inglesa pela tradução indirecta de Petrarca por Edmund Spenser um novo topos da extinção da fénix. Fora traduzido por Clément Marot em *Des Visions de Petrarque* (com a fénix masculina) e Spenser traduz por seu turno em duas versões, uma para Jan der Noodt em *Theatre (of)... Voluptuous Worldlings*, 1569, dedicado

(*Cymbeline*). Também é utilizada na imagem de uma criatura inacreditável reinante (*The Tempest*), ou como nome dado a uma pousada ou a uma embarcação como sinal de qualidade (*The Comedy of Errors* e *Twelfth Night*). Cf. MATCHETT, William H. *The Phoenix and the turtle...*

⁵¹ EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois*, p. 271.

⁵² GOLDSMID, Edmund. *Un-Natural History, or Myths of Ancient Science*. Edimburgo, 1886, II, 32.

⁵³ BEDNARZ, J. *Shakespeare and the Truth of Love: The Mystery of 'The Phoenix and Turtle'*. Palgrave Macmillan, 2012.

a Isabel I e com a gravura do suicídio da fénix e, mais tarde, numa versão ainda melhor, para *The vision of Petrarch* em *Complaints*, em 1591.

A Fénix é ouro e púrpura em Petrarca e representa a amante. Surge em outros autores do s. XVI inglês⁵⁴, nalguns dos quais das suas cinzas emanando calor e esperança, noutros morrendo. Deparamo-nos com uma reconceptualização do mito? Os poetas de Petrarca a Shakespeare (Sonetos, 19) começam a associar a fénix intermitentemente a aniquilação e nos começos do s. XVII o mito da fénix pode representar tanto perpetuidade como mortalidade. A propósito recorde-se o emblema de Geffrey Whitney (1548?-1601?), “Tempus omnia terminat” onde também inclui a Fénix ligada à extinção.⁵⁵

Mas em diversas outras representações é utilizada a Fénix, tanto na simbologia da regeneração como na da eternidade. Recorde-se alguns exemplos:

- Ilustração da *Crónica de Nuremberga* (Imagem 10b) por Hartmann Schedel (1440-1514),⁵⁶
- representação de uma fénix e as palavras “Muero y nacio”, numa criação em Espanha na morte de Santo Inácio, usando o trocadilho a propósito do seu nome,⁵⁷
- medalha do papa Gregório XI com uma Fénix segurando no bico as chaves da Igreja e observando o Sol com as palavras “Serie immortalis”, demonstrando a singularidade dos chefes da Igreja e a sua sucessão contínua,⁵⁸
- a referência de Pascal aos Jesuítas como espíritos de águia e multidão de fénix.⁵⁹

⁵⁴ TOTTEL, 1557. Cf. BEDNARZ, J. *Shakespeare and the Truth of Love...*

⁵⁵ “Tempus omnia terminat”. In: *Whitney's "Choice of Emblems": A Fac-simile Reprint*, London, Lovell Reeve & co, 1866, p. 130. Na p. 170, nova representação da ave em chamas sob a divisa *Unica sempre avis*.

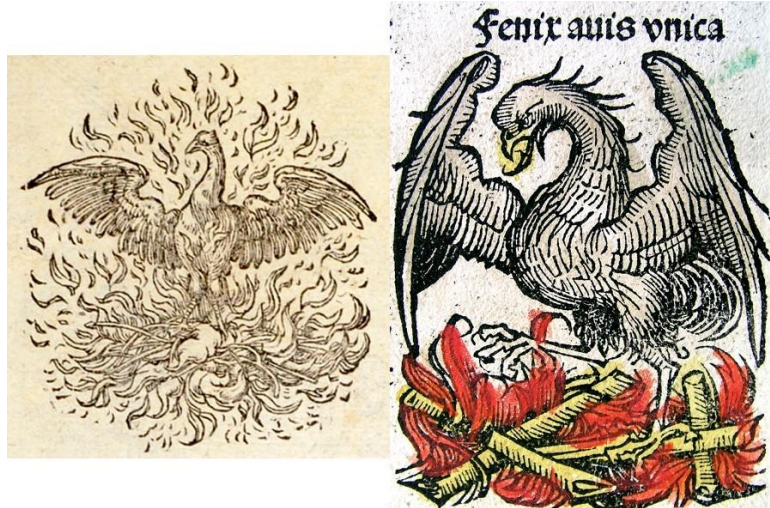
⁵⁶ SCHEDEL, Hartmann. In: *Crónica de Nuremberga*. [Internet](#).

⁵⁷ Citado por MENESTRIER, François. *L'Art des Emblemes*. 1662; também em *La science et l'art des Devises*. Paris, 1686, p.37. Cf. PRAZ, Mario. *Studies in Seventeenth-century Imagery*. 2 ed. Roma: Ed. di Storia e Letteratura, 1975, pp.2001, p. 72.

⁵⁸ Citado por MENESTRIER, François. *L'Art des Emblemes*. 1662, p. 146. [Internet](#).

⁵⁹ PRAZ, Mario, *Studies in Seventeenth-century Imagery*, p. 189.

Imagens 12 3 13⁶⁰



Seja como for, a Fénix que ocasionalmente se desliga em plena época moderna das suas origens míticas, acaba por se reportar a um conceito ou termo descritivo de algo considerado o mais esplêndido ou raro, singular, na sua espécie.

Conclusão

A Fénix surge na mitologia chinesa como símbolo da santificação e da pureza, como imagem da criação divina, símbolo da virtude soberana.

- Feng-Huang trata-se da divindade relacionada com o Vento numa conexão que resulta de uma relação gráfica, semântica e fonética;
- é o pássaro Feng fruto da metamorfose do peixe peng e a passagem de uma estação yin para uma estação yang;
- trata-se do galo celestial ou Fénix de ouro, conectada com o Sol, seu nascimento e movimentos, com um cântico que impressiona toda a humanidade;
- tem uma dupla constituição de masculino e feminino, o yin e o yang, simbolizando o amor eterno, a alta virtude.

Numa comparação entre os mitos orientais e os ocidentais , acentua-se de comum a grande carga espiritual.

Também a Fénix ocidental, cuja origem no mito egípcio do Benu a relaciona com o culto do Sol e a revificação, valoriza-se com o cristianismo como símbolo da

⁶⁰ Imagem 10a: “Unica semper avis”. In: PARADIN, Claude. *Devises heroïques*. Lyons: Jean de Tournes and Guillaume Gazeau, 1557. [Internet](#). Imagem 10b: SCHEDEL, Hartmann. In: *Crónica de Nuremberga*.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

divindade. Assexuada, nascida de si mesma e regenerada, gerada do fogo da luz do Sol, morre nascendo, o seu cântico é belo e espiritual, é Deus sempre vivo e eterno – é o mesmo e o não mesmo. O seu amor será a morte a que aspira para poder nascer e elevar-se aos espaços etéreos.

Seja no Oriente seja no Ocidente, a Fénix representa-se na sua rara beleza, resistência física, dimensionada com variantes, multicolor. Na China, cada zona do seu corpo representaria uma das cinco qualidades humanas. No Ocidente, herança do mito egípcio, trata-se de uma ave que também se abastece a si própria, seja de frutos de bambu seja da própria luz do Sol. Na simbologia cristã, ao representar a ressurreição, simboliza a virtude divina.

Se na China a Feng-Huang é uma ave imortal e que vive em paz com as suas congéneres, multiplicando-se naturalmente, no Ocidente a Fénix é uma ave única, com vivência solitária e renascendo das cinzas após ciclos de vida. Já na origem, na crença egípcia, divulgada pelos fenícios e recriada pelos gregos, a sua vinda da Arábia para a Cidade do Sol, era interpretada como um sinal de alegria e de esperança. Trata-se, pois, no Ocidente e no ambiente cristão de um símbolo de Cristo e de revificação. Pela morte, ressuscita e, como a alma, ganha a vida eterna. Comum à Feng-Huang que simboliza a boa sorte, a harmonia e a paz, também a Fénix ocidental transmite beleza, paz e o anúncio da salvação eterna.

Se a primeira só vive em ambiente de boa governação e particularmente se conecta com Leizu, mulher do imperador amarelo, trazendo em si aparência auspiciosa e prosperidade, a Fénix ocidental terá de comum os ideais de justiça, bondade, fidelidade e altruísmo. Ficou ligada em Inglaterra à excepcional figura da rainha Isabel Tudor e às suas qualidades de governante.

A ave mítica, na China ou no Ocidente, valoriza-se pela sua singularidade e excelência, tornando-se com o tempo emblema para classificar o que é único, raro, belo e esplendoroso, mesmo que não implicando necessariamente pormenores das lendas tradicionais. Pode representar a pessoa amada. No Ocidente haverá de certa forma, ocasionalmente, uma reconceptualização do mito, quando, em particular na poesia, se admite não apenas a perpetuidade da Fénix mas também a sua extinção, relacionada com a aniquilação dos valores numa época ou pela morte da pessoa amada. Mesmo quando apartada das origens míticas, todavia a Fénix continua descritiva de algo considerado o mais singular ou esplêndido.



O hibridismo da ave, já patente, aliás, até certo ponto (por comparação) na composição do seu corpo, parece bem mais admissível nos contos chineses e atribuível à sua origem divina. Com a Fénix se relaciona, aliás, a metamorfose. Vimolo na transfiguração do peixe em pássaro e vice-versa, assim como no casal incestuoso que imortalizado pela ave divina dará origem a um povo com originalidades físicas. Ao depararmos-nos, por outro lado, na Biblioteca Digital Mundial com uma gravura colorida chinesa da dinastia Qing (1644-1911) representando a Fénix com nove cabeças humanas⁶¹ não podemos nem desligarmo-nos da simbologia do nove, da longevidade, nem deixar de pensar nos contos sobre metamorfoses e hibridismo que abundam na China. Com afinidades recorde-se uma variante do conto sobre os povos Mengshu que teriam cabeça humana e corpo de pássaro⁶² ou a narrativa do Povo das Penas onde os homens teriam um longo pescoço e um corpo coberto de penas (*Shanbaijing*, c.6, p.1b).⁶³

No Ocidente, a esse propósito, é com dificuldade que se chega a uma versão única do “renascer das cinzas”. Há quem fale de um fogo espontâneo por acção do Sol ou provocado que inflama a ave, tendo ela previamente posto ou não um ovo que assim também é atingido, ou observando-se dias depois nas cinzas uma larva ou lagarta que se metamorfoseará na ave renascida.

A ave, na sua dimensão simbólica, seja no Oriente ou no Ocidente, acaba por ensinar o homem a construir a sua individualidade, o seu itinerário, a chegar à beatitude diante da luz e da beleza.⁶⁴

⁶¹ Uma das várias criaturas híbridas mencionadas em *Shanbaijing*, o *Clássico das Montanhas e dos Mares*, na parte que pode ser a mais recente desta obra, composta em qualquer período entre os séculos III ou IV a.C. e os séculos III ou IV d.C. Tais aves habitariam a região da Grande Selva ao norte, na montanha chamada Cofre-Celestial-da-Extremidade-Norte. “Fénix de Nove Cabeças”, [Internet](#).

⁶² *Anthologie des mythes...*, 159-160.

⁶³ *Anthologie des mythes...*, 160-161.

⁶⁴ DAVY, Marie-Madeleine. *L'Oiseau et sa symbolique*.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*
The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy
La Estética Medieval: Imágen y Filosofía
A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Fontes

Estatuetas em bronze, porcelanas, jades, entalhes em madeira, mosaicos, moedas e medalhões:

Gravuras ocidentais

- da *Crónica de Nuremberga*. [Internet](#).
- de Jan VAN NOODT, 1569 e de Pieter VAN DER BORCHT, 1588.
- em François MENESTRIER, *L'Art des Emblemes*, 1662.
- em *La Science et l'art des Devises*, Paris, 1686.
- em *Whitney's "Choice of Emblemes": A Fac-simile Reprint*, London, Lovell Reeve & co, 1866.
- emblemas de ANEAU, Barthélemy, 1552 e PARADIN, Claude, 1557.

Gravuras chinesas

- Fénix pintada. [Internet](#).
- “Fénix de Nove Cabeças”. [Internet](#).

Iluminuras de Bestiários medievais e de Livros do século XVI

Pinturas de papiros e túmulos egípcios e de miniaturas indianas:

Autores ocidentais como

HECATEU DE MILETUS – HESÍODO – HERÓDOTO – LAERTIUS, Diogenes, *Pyrrhoneia*, séc.I. – LACTÂNCIO ou Lucius Caecilius Firmianus, *Fénix*, c. 250 - c. 325. [Internet](#) – PETRARCA – PLÍNIO, *o Antigo* – ISIDORO DE SEVILHA – SÃO CLEMENTE – SHAKESPEARE

Autores orientais como

MATHIEU, Rémi (ed.). *Anthologie des mythes et legendes de la Chine ancienne*. Gallimard, 1989.

Shanhaijing (Clássico das Montanhas e dos Mares). [Internet](#).

Zhuangzi. Traduzido para inglês por Wang Rongpei. Human People's Publishing House / Foreign Languages Press.

Bibliografia

- ALVES, Ana Cristina. “A Fénix do Renascimento e da Paz”. Segunda aula do *Curso sobre “Simbolismo Animal: construções hermenêuticas em torno de animais reais e imaginários”*. FLUL, 13 Out. 2017.
- BODY. *Cosmos and eternity : new research trends in the iconography and symbolism of ancient Egyptian coffins* (ed. Rogério Sousa). Oxford: Archaeopress, 2014.
- BRUMBLE, H. David. *Classical Myths and Legends in the Middle Ages and Renaissance: A Dictionary of Allegorical Meanings*. Londres: Fitzroy Dearborn, cop. 1998; Routledge, 2013
- DAVY, Marie-Madeleine. *L'Oiseau et sa symbolique*. Paris: Albin Michel, 2013.
- EBERHARD, Wolfram. *Dictionnaire des symboles chinois. Symboles secrets dans l'art, la littérature, la vie e la pensée des Chinois*. Paris: Editions Seghers, 1984.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*
The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy
La Estética Medieval: Imágen y Filosofía
A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

- FERGUSON, George. *Signs & Symbols in Christian Art*. Oxford University Press, 1959.
- FRIEDMAN, John B. et Jessica M. Wegmann. *Medieval iconography: a research guide*. Nova Iorque: Garland, 1998.
- GOLDSMID, Edmund. *Un-Natural History, or Myths of Ancient Science*. Edimburgo, 1886.
- GRABAR, André. *Christian iconography: a study of its origins*. Princeton University Press, cop. 1968.
- HADLEY, Debra Kneal. *Phoenix Bird China: A Pictorial Reference Guide*. D. K. Hadley, 1984.
- KNIGHT, G. Wilson. *The mutual flame: on Shakespeare's sonnets and The phoenix and the turtle*. Londres: Methuen [1962].
- MARC, Philonenko. “La notice de Pline l’Ancien sur les Esséniens et les manuscrits de Qoumrân”.
In: Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 153e année, N. 1, 2009. pp. 443-468; doi : 10.3406/crai.2009.92489. [Internet](#).
- MATCHETT, William H.. *The Phoenix and the turtle. Shakespeare’s poem and Chester’s Loues Martyr*. Londres: The Hague, Paris, Mouton & Co, 1965.
- NIGG, Joseph. *The Phoenix: An Unnatural Biography of a Mythical Beast*. Univ. of Chicago Press, 2016.
- PRAZ, Mario. *Studies in Seventeenth-century Imagery*. 2 ed. Roma: Ed.Storia e Letteratura, 1975, rp. 2001.
- RAVENHEART, Oberon Zell. *Creature of the Month - The Fiery Phoenix*. *Internet* (2016).
- REIS, João C. *Introdução à História da Literatura da China. Dos primórdios ao Ano 207 A.C.* Macau: Edições Mar – Oceano, 1990.
- ROBERTS, Helene E. (ed.). *Encyclopedia of comparative iconography : themes depicted in works of art Chicago*. Fitzroy Dearborn, 1998, 2 vol.
- SOUTH, Malcolm. *Mythical and Fabulous Beasts: A Source Book and Research Guide*. Greenwood Press, 1987.
- VAN DEN BROEK, Roelof. *The myth of the Phoenix according to classical and early christian traditions*. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- WERNER, E. T. C. *Myths and Legends of China*. New York: Dover publications, Inc, 1994.